Rio Grande

TUIO BECKER

Uma das melhores surpresas do último Festival de Gramado foi o cinema gaúcho. Curtas, médias e longas deram uma demonstração de independência e vitalidade, tanto no plano da linguagem, quanto no da produção. Destaques para Temporal, O Natal do Burrinho, Grafite, A Divina Pelotense, Delírio e Morte de um Retirante, *sem falar no longa-metragem* Verdes Anos, *de Giba Assis Brasil e Carlos Gerbase.*

Até bem pouco tempo a participação gaúcha na mostra de curtas-metragens, paralela ao Festival do Cinema Brasileiro de Gramado, restringia-se à participação dos "Três Antônios": Antônio Carlos Textor, Antônio Jesus Pfeil e Antônio Oliveira. Todos os anos esses três curta-metragistas aprontavam seus filmes para o festival, e revezavam-se na conquista do prêmio Assembléia Legislativa. Em 1984 os três cineastas gaúchos também participavam da mostra gramadense, mas encontraram-se lado a lado na competição com um grupo de nomes novos que estão marcando a renovação (ou o renascimento) do cinema no Sul.

Por elementos egressos do cinema em Super-8, como Sérgio Silva e seu *A Divina Pelotense,* do cinema publicitário, como Otto Guerra e José Maia, com o desenho animado *O Natal do Burrinho,* ou do telejornalismo, como Jorge Furtado e José Pedro Goulart, com *Temporal,* o curta-metragem gaúcho viu-se renovado em suas propostas e perspectivas. A esse grupo acrescenta-se a participação do português David Quintans, que com o média metragem *Delírio e Morte de um Retirante* alcança o melhor momento de sua filmografia. Juntamente com os filmes dos "Três Antônios" o cinema gaúcho, com os sete curtas-metragens mostrados em Gramado, chega ao seu momento mais promissor, àquele instante que antecede a sua plena afirmação.

Sobrevivendo nas colunas especializadas de cinema graças a uma intensa produção de curtas e longas-metragens em Super-8, o cinema gaúcho teve este ano no Festival de Gramado a sua feira de amostras. Além do longa-metragem *Verdes Anos,* de Giba Assis Brasil e Carlos Gerbase, os sete curtas-metragens, quatro rodados em 16mm e três em 35mm, marcam a afirmação da existência de um cinema cheio de vitalidade fora do eixo Rio-São Paulo. É claro que, por suas qualificações técnicas, os filmes em 35mm levam uma considerável vantagem sobre as produções rodadas em 16mm: dos quatro premiados, somente um, *Delírio e Morte de um Retirante,* prêmio de melhor fotografia, foi rodado em 16mm.

O Concreto

Da adaptação de um conto de Júlio Cortázar à transposição em imagens de uma história de Luís Fernando Veríssimo, os curtas-metragens gaúchos evidenciam uma vocação urbana. O ambiente metropolitano de Porto Alegre é uma presença constante tanto na história de um grafiteiro que desenha em muros e paredes (*Grafite,* de Antônio Carlos Textor) quanto nas andanças do empregado de uma lavanderia que tenta melhorar de vida através de apostas (*Sorte prá que te Quero,* de Antônio Oliveira), ou ainda na visão do passado histórico do Rio Grande do Sul (*Marcas e Registros,* de Antonio Jesus Pfeil).

Isso se explica pelas dificuldades encontradas pelos cineastas em filmar fora de Porto Alegre, o que vem a dar aos sete filmes uma certa unidade de ação. Mesmo que *A Divina Pelotense* apele para a conotação "aristocrática" da cidade de Pelotas na geografia riograndense, e *Delírio e Morte de um Retirante* tenha sido em grande parte filmado no pampa, em Alegrete, quase fronteira com a Argentina e o Uruguai, é a ambiência metropolitana de Porto Alegre, como centro convergente de todas as tendências, que centraliza a ação desse bloco de filmes, talvez com a única exceção do desenho *O Natal do Burrinho.*

O Natal do Burrinho é, em si, uma exceção dentro do panorama do cinema gaúcho onde as tentativas de realizar trabalhos de animação praticamente inexistem. Calcado numa lenda do folclore sobre a origem da mancha que existe nas costas dos burrinhos, o filme de Otto Guerra e José Maia desenvolve-se linearmente, como uma história para crianças a que um final inesperado e metalingüístico vem dar uma nova dimensão. Caprichosamente desenhado e musicado este trabalho em nada fica a dever ao que se tem visto em matéria de animação nas telas dos cinemas brasileiros.

O Som

Como na maioria dos filmes gaúchos de curta-metragem a trilha sonora de *O Natal do Burrinho* vale-se de um comentário musical contínuo que sublinha a ação, reforçado por alguns ruídos de cena. O eterno "calcanhar-de-aquiles" de todas as cinematografias precárias tem feito com que os cineastas gaúchos re-

Em Gramado, os curtas gaúchos demonstraram uma vocação urbana.

solvam a trilha sonora de seus filmes pelo mais fácil. Um enfático comentário musical cobre de ponta a ponta filmes como *Grafite* e *Sorte Para Que te Quero,* enquanto que um texto quase aleatório, discursos e ruídos preenchem a coluna sonora de *Marcas e Registros.*

Na realidade, as possibilidades de comunicação desses quatro filmes estão calcadas quase que exclusivamente na força de suas imagens. Ou seja: poderiam ser projetados sem som que seus propósitos seriam perfeitamente compreendidos. Mais bem-sucedido, apesar do número excessivo de músicas, é *Delírio e Morte de Um Retirante.* Sobre um livro de poemas de Luiz Coronel, *Retirantes do Sul,* Talo Pereyra e Marco Aurélio Vasconcellos compuseram um número razoável de canções que acompanham (e dão uma dimensão diferente) à tradicional história de um interioriano que troca o campo pela cidade e acaba se dando mal.

Os únicos dois filmes que fazem uso da palavra como elemento dramático são *A Divina Pelotense* e *Temporal.* No primeiro, a precariedade de meios financeiros para a gravação do som prejudica o resultado final, que é plenamente conseguido com *Temporal,* onde Furtado e Goulart realizam o prodígio de filmar uma história curta de Luis Fernando Veríssimo dentro do espírito do autor. Numa sacada final, eles apelam para um trabalho de animação de Otto Guerra que dá o exato fechamento para uma história absurda que envolve choque de gerações e uma espécie de histeria coletiva do gênero humano em meio à fúria da natureza.

Temporal, *de José Pedro Goulart e Jorge Furtado.*

O Absurdo

Para um Estado agrícola onde o cinema vinha mostrando uma inequívoca vocação rural, através do ciclo de filmes caipiras com cantores regionalistas (Teixeirinha, José Mendes) essa virada temática do cinema gaúcho para o ambiente urbano, diante dos resultados obtidos pelos curtas e o longa-metragem exibidos em Gramado, pode ser encarada como uma adesão a novos valores que se mostram mais solventes que os anteriores. Ao menos no que diz respeito à qualidade e à projeção conquistada pelos filmes.

Voltado para o homem urbano e suas preocupações, esse grupo de curtas-metragens gaúchos encontra um outro denominador no absurdo da condição humana. A intervenção "divina" para acabar com a confusão entre pais e filhos, jovens e velhos, "avançadinhos" e "reacionários" em *Temporal* é o melhor exemplo dessa reflexão, que tem seu prolongamento na morte da grafiteira que o grafiteiro idealiza em *Grafite*, como a garota que complementa seus desenhos pelas ruas de Porto Alegre. O tragicômico final de *A Divina Pelotense* e o realismo mágico da alegoria do "enterro da cruz" de *Delírio e Morte de um Retirante* são outros reflexos desse estado de coisas.

O sonho do empregado da lavanderia, mesmo ocupando um espaço reduzido de *Sorte pra que te Quero* e o próprio apelo aos recursos de metalinguagem em *O Natal do Burrinho* também são elementos de que os cineastas lançam mão para refletir sobre o absurdo em suas criações cinematográficas. O caminhão que aparece no início de *Marcas e Registros*, e que vai costurar toda a narrativa, é mais um dado para uma possível análise de como até a partir do documentário os cineastas do Sul voltam suas câmeras para um mesmo tema que surge alheio às suas vontades individuais.

A morte de uma pessoa (*A Divina Pelotense, Grafite, Delírio e Morte de um Retirante*), de duas gerações (*Temporal*) ou de um sistema político (*Marcas e Registros*) colocam o cinema gaúcho de curta-metragem numa mesma linha, onde a diversidade de propostas e meios despendidos para a realização de filmes não impedem o fechamento de todos os realizadores sobre uma mesma idéia. Mesmo que essa idéia seja perigosa como reflexo da própria perplexidade dos cineastas, denota que existe um sentimento coletivo atuando e que faz com que o cinema gaúcho reviva e comunique suas preocupações.

TUIO BECKER é jornalista e crítico do jornal *Folha da Tarde*, de Porto Alegre

O Natal do Burrinho, *filme de animação de Otto Guerra e José Maia.*